



## SABERES TRADICIONAIS INDÍGENAS E SUA RELAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

**APINAGÉ**, Vanderlan Dias da Silva <sup>1</sup>; **ALMEIDA**, Rejane Cleide Medeiros de<sup>2</sup>

### RESUMO

A pesquisa objetivou compreender sobre as práticas de saberes tradicionais nas escolas indígenas, visando a valorizar os conhecimentos indígenas e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena Apinajé

**Palavras-chave:** Pesca, Instrumentos, Mulheres.

### I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

---

<sup>1</sup> Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação Humanidades e Saúde (CEHS). e-mail. maylane.silva@ufnt.edu.br

<sup>2</sup> Orientadora do projeto de Iniciação científica (PIBIC/CNPQ), Doutora em Sociologia, Docente do curso de Educação do Campo (LedoC) e do Programa de pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação Humanidades e Saúde (CEHS). e-mail. rejane.almeida@ufnt.edu.br



As principais características do povo Apinayé são os trabalhos coletivos compartilhando memórias, momentos que possibilitem formas de pensar e agir em torno das artes de bordar cofos, esteiras, colares, pinturas corporais e outras tantas formas de conectar ritos Apinayé ao seu território, como pàrkapê, Mẽ òkrehpòxrünhti, Mẽ òkrepôx mex e alguns outros rituais centrais para as manifestações artísticas do povo.

A pesquisa possibilitou reflexões sobre as práticas dos saberes tradicionais nas escolas indígenas, visando valorizar os conhecimentos do povo apinajé e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena Apinajé. A Temática vinculou-se a pesquisa que foi desenvolvida na iniciação científica, onde organizamos debates no grupo de extensão popular katám cadastrado no CNPQ, contando com a parceria entre o programa de pós-graduação em cultura território-PPGCULT. A justificativa pela escolha do tema é ser da etnia Apinajé, viver no território aldeia Prata e pelo interesse em verificar como os saberes da cultura apinajé são trabalhados na escola.

## II. BASE TEÓRICA

Portelli (1997) define história oral enquanto ciência. Isso implica no registro da memória. Sendo que “[...] a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...]” (Portelli, 1997, p.16) por esta razão é que justificamos a escolha da história oral e das narrativas, por possibilitar análise dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo das estruturas sociais em que as interlocutoras desta pesquisa se constituem como protagonistas.

Paul Thompson (1992, p.137) destaca que a utilização de “fontes” que estão “vivas”, são possibilidades de conhecer as experiências vivenciadas e, apresentam relações com relatos que estão condicionados às memórias. Nesse sentido é que



conhecer as vivências no território e os diálogos realizados por meio da memória, e a forma em que os saberes dos anciões contribuem com a produção de conhecimentos no currículo da escola seus sentidos e significados é que corrobora com que o autor trata sobre a importância das fontes orais.

Sobre o território, mobilizamos, Paul Little (2003, p. 254), no qual afirma que, para entender um território faz-se necessário “[...] analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trate do contexto específico em que surgiu e dos contextos que foi defendido e/ou reafirmada”.

### III. OBJETIVOS

#### Objetivo Geral

Compreender as relações entre os saberes tradicionais indígenas e a educação escolar indígena.

#### Objetivos Específicos

1. Identificar as dimensões dos saberes tradicionais e sua relação com a educação escolar indígena.
2. verificar interfaces entre os saberes dos anciões e os conteúdos curriculares da escola na aldeia Prata
3. Analisar como a cultura Apinajé se apresenta no cotidiano na escola indígena Prata

### IV. METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa utilizamos a História Oral, possibilitando conhecer as vivências no território e os diálogos que proporcionem por meio da memória, de que forma os saberes dos anciões contribui com a produção de conhecimentos no currículo da escola, seus sentidos e significados. Paul Thompson (1992, p.137) destaca que a utilização de “fontes” que estão “vivas”, são possibilidades



de conhecer as experiências vivenciadas e, apresentam relações com relatos que estão condicionados à memória.

A pesquisa foi desenvolvida na aldeia Prata, do povo apinajé e foram entrevistados lideranças, como o cantor Alexandre Apinajé, mestre das cantorias nas artes e o Cacique Joel Dias.

Como primeira etapa do procedimento realizaremos a pesquisa bibliográfica no site do IBICT (<http://bdtd.ibict.br/vufind>). Esse site reúne e disponibiliza teses e dissertações de mestrado de todas as áreas da ciência no país. Usamos, ainda, o Portal de Periódicos da CAPES (<https://www.periodicos.capes.gov.br>.) procuramos artigos e resenhas de livros pertinentes ao tema do projeto. Usamos as seguintes palavras-chave: territorialidades, ensino e aprendizagem e cantorias. Os textos terão resumos lidos e, então, farei a triagem para os espaços amazônicos e tocantinense. Utilizamos a observação participante. Fizemos a revisão da literatura e seleção de material para estudos das categorias analíticas, territorialidade, memória, saberes que permitiram as reflexões sobre o tema da pesquisa. As entrevistas semiestruturadas possibilitaram compreender como se davam o ensinar e o aprender antes da chegada da escola na aldeia Prata, por meio das escutas das fontes orais acionando as memórias dos anciões e suas dinâmicas culturais. E, por fim, a sistematização das entrevistas com análise dos dados.

## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sábios falam que a escola deveria ser intercultural, para que as nossas crianças e jovens aprendam mais a cultura, tradição e costumes e as crenças, tudo que possui dentro do seu território. Atualmente nós sofremos impacto com a chegada da escola nas nossas comunidades, pois muitas vezes os conteúdos não dialogam com nossos saberes e a escola ensina mais o conteúdo do não indígena.

Na minha época já existia a escola, comecei a frequentar, mas me interessei mais na cantoria, sempre a minha vó falava que eu aprendesse primeira a nossa cultura, optei pela cantoria, lendas, as histórias do meu povo, a luta



durante a demarcação que foi muito sangrenta para o nosso povo apinajé. Uma das guerreiras era minha avó Maria Barbosa, que já se foi, era uma anciã sábia, que viveu a luta pelo território (Alexandre Apinajé, 2025).

Acima de tudo tem os nossos sagrados, isso a escola não ensina, não respeita os nossos saberes ancestrais, os conhecimentos dos antepassados que sempre estão aqui. As escolas que queremos é a que tivesse mais conteúdos panhi, museu de artesanatos, participação dos anciões e anciãs.

Na fala do Cacique Joel Apinajé, também retrata a importância dos saberes tradicionais.

Nós temos que ver a importância dos nossos saberes, de valorizar a educação tradicional passadas pelos/as mais velhos e mais velhas e quais conhecimentos são importante para uma educação Apinajé, considerando os conhecimentos tradicionais da cultura e modo de vida dos nossos ancestrais que são repassados para novas gerações, o nosso povo tem seu modo de se organizar, de viver, de se educar no nosso território (Joel Dias, 2025)

Figura 1: Cacique Joel Dias e Vanderlan



Fonte: Vanderlan. 2025

Figura 2: Alexandre Apinajé



Fonte: Vanderlan. 2025

## VI.CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS



O Presidente da Associação, cacique, Joel Dias nos informa sobre a importância das lutas do povo apinajé, especificamente a pauta da Educação, destacando o conteúdo, as virtudes e os desafios das escolas indígenas nas comunidades apinajés. A educação tradicional relatada pelos mais velhos e mais velhas, e quais conhecimentos necessários para uma educação escolar Apinajé, levando em consideração os conhecimentos tradicionais da cultura e modo de vida panhi dos nossos ancestrais que são repassados para novas gerações. A

Antes da chegada da escola nas aldeias Apinajé, no caso, a Aldeia Prata, tem seu modo de se organizar, de interagir, de viver, de se educar no seu próprio território antes da chegada da escola na comunidades, já tinha os nossos professores que não sabiam ler e escrever, que são os nossos anciões e anciãs, pois eles não tinham acesso a escola, mas, tem os seus conhecimentos para ensinar tudo que acontecia no pátio da aldeia, onde é repassado a troca de saberes. É, onde as nossas crianças, jovens, adultos aprendem a cultura desde cedo, como os artesanatos, corva, esteira, pinturas corporais, medicina tradicionais, e festa cultural, que é da natureza em que vivemos. Tudo, por meio do cotidiano com as nossas mestras/es que são biblioteca do povo apinajé, pois tem os conhecimentos na memória, que é repassado pela história oral.

Hoje a escola está implantada na nossa comunidade, mas não ensina os nossos saberes tradicionais, ensina os conteúdos dos não indígenas e menos dos nossos conteúdos, dos saberes tradicionais. Não precisamos a educação física, do não indígena, pois, já temos a corrida de tora, corrida de flecha, da tradição de várias modalidades tradicionais. Não queremos excluir a língua portuguesa, queremos que os dois caminhem juntos, mas com as mesmas quantidades de matérias, tanto de não indígena, e dos saberes tradicionais.

## VI. REFERÊNCIAS



APINAGÉ, Fabricio Laranja Salvador. Saberes ancestrais e práticas educativas na escola estadual indígena Mätyk: interfaces entre saberes na aldeia São José-Tocantinópolis (TO). Relatório PIBIC, 2022. <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/6427> . Acesso em 10 de mai. 2025.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Anuário antropológico, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

TOMPSOM, Paul. A voz do passado: **História Oral**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.

## VII. AGRADECIMENTOS

Sou grato a FAPT pelo auxílio dado através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o qual foi essencial para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Gostaria também de agradecer à UFNT pelo amparo institucional e ao grupo de pesquisa e extensão popular Kátam pela colaboração e por participarem deste projeto. Agradeço a professora Rejane que fez parte desse projeto e foi essencial para minha vida acadêmica.